



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

IVANIA MENDES

O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA
TERRA INDÍGENA XAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Gestão Ambiental.

Florianópolis, Fevereiro de 2015

IVANIA MENDES

**O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA
TERRA INDÍGENA XAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Gestão Ambiental.

Orientação: Profa. Dra. Eliana Elisabeth Diehl

Florianópolis, Fevereiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 19 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 13:30 horas, na Sala 310 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Orientadora Eliana Elisabeth Diehl (Presidente), Titular da Banca Professora Natalia Hanazaki e Suplente Professora Maria Dorothea Post Darella, designadas pela Portaria n. 41/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Ivania Mendes, subordinado ao título: "O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a acadêmica recebido da professora Orientadora Eliana Elisabeth Diehl a nota final 9,5, da Professora Natalia Hanazaki a nota final 9,5, e da Professora Maria Dorothea Post Darella a nota final 9,5, sendo aprovada com a nota final 9,5. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela acadêmica.

Florianópolis, 19 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Profa. 

Profa. 

Profa.  (ELIANA E. DIEHL)

Acadêmica 

A BANCA DESTACA A PERSEVERANÇA E POTENCIALIDADE DE IVANIA. AINDA SUGERE ALGUMAS MUDANÇAS PARA A VERSÃO FINAL.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Ivania Mendes, matrícula n. 11103044, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O USO DAS ERVAS MEDICINAIS NA ATUALIDADE KAINGANG DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ, SANTA CATARINA, BRASIL, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 2 de MARÇO de 2015

Orientador(a)

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Ivania Mendes. Nasci no dia 12 de agosto de 1971 na cidade de Xanxerê, oeste de Santa Catarina. Devido a muitos problemas de saúde, meus pais sofreram muito para me criar, pois com nove meses de vida fui diagnosticada com um problema sério nos pulmões, que convivi 17 anos de minha vida. Quando eu tinha três anos de vida, meu pai foi expulso da Terra Indígena (TI) por ser casado com uma não índia. Estudei até o quarto ano das séries iniciais em escola de branco (não índio) e parei, pois faltava muito em sala de aula por causa da minha saúde e por ser discriminada (me chamavam de bugra e eu não sabia como lutar com isso; na reserva indígena era chamada de *fóg* ou branca na língua Kaingang). Voltamos para a TI quando eu tinha 13 anos. Foi uma experiência nova e era tudo o que nós queríamos, pois nos sentíamos rejeitados pela sociedade branca. Aos 16 anos me casei com o senhor Jandir Neris, da etnia Kaingang e da mesma TI, mas não da mesma aldeia, e com ele tive cinco filhos (três meninos e duas meninas). Aos 28 anos voltei a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde conclui o ensino fundamental e o médio. Trabalhei seis anos como agente indígena de saúde. Participei em 2007 da conferência em Brasília, quando foi aprovada a lei Maria da Penha, e em 2008 comecei a minha carreira como professora ACT (Admitido em Caráter Temporário) do estado.

No ensino superior, estudei no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) no período de um ano e meio e desisti por ter passado em 2011 no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde estou concluindo os meus estudos em Gestão Ambiental. Fiz o vestibular da UFSC por insistência de uma amiga, que hoje tenho só a agradecer pelo incentivo e apoio.

Esse tema das ervas medicinais na atualidade Kaingang da TI Xaçecó, aldeia Pinhalzinho, foi escolhido por mim por ser algo que toca profundamente meu coração, pois tem a ver com terra, natureza, cura de doenças e restauração de autoestima na minha aldeia. Também por ser algo que aos poucos está perdendo o valor dentro das T I, e a escola é um excelente local pra revitalizar e resgatar esses valores em nossos dias e não deixar de lado o conhecimento dos nossos *kofá* (*kofá* são os mais velhos, como se diz na língua Kaingang). E a escola é um excelente local para revitalizar e resgatar esses valores em nossos dias, não deixando de lado o conhecimento dos nossos ancestrais que tantas vidas salvaram com sua sabedoria, e respeito com a terra considerada a mãe, o sol (*kamê*), a lua (*kanhru*), o ar, a natureza e tudo o que nela existe.

Com esse trabalho tento demonstrar a importância das ervas medicinais para o bem estar Kaingang, que esta sendo afetado com a modernidade atual, onde o poder, o ter, e o querer estão aumentando rápido demais; o fácil acesso aos medicamentos farmoquímicos, o surgimento de novas doenças na aldeia, o aumento de outras crenças também são fatores para o baixo estímulo do uso das ervas medicinais na atualidade Kaingang na aldeia Pinhalzinho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a *tope* (Deus) pela força, coragem e determinação que tem me dado todos os dias. Aos meus filhos, Francieli, Lucas, Francineli, Lucio e Luciano por todo carinho e incentivo. Ao meu esposo Jandir Neris pelo amor e companheirismo. Aos meus pais, Otaviano Mendes e Valderes de Oliveira, que incansavelmente me deram apoio e estiveram ao meu lado. A todos os coordenadores da Licenciatura que foram nossos segundos pais nesses quatro anos que aqui estivemos. A Elaine Maria Ozelame, coordenadora de Educação da FUNAI – administração Florianópolis. À Eliana Diehl, minha orientadora, pelas orientações, pelos conselhos e por ter dividido comigo sua sabedoria, sem esquecer a professora orientadora de estágio Silvia Maria, os coordenadores do Curso Dorothea, Ana Lúcia, Clóvis, Rivelino, Lucas, Ariana, Murilo e Juliana e os bolsistas, os colegas de Curso, aos amigos. Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a nossa formação o meu muito obrigado. Aos *kófa*, *Kujá*, jovens e mulheres que participaram desse trabalho. Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a nossa formação o meu muito obrigado.

RESUMO

O uso das ervas medicinais vem crescendo entre as populações do mundo todo devido ao alto poder de cura e benefício para a saúde humana. Na botânica, existem inúmeras experiências de identificação devido à grande biodiversidade delas no Brasil, com grande repercussão nos meios sociais, havendo ainda muitas plantas a serem reconhecidas e catalogadas pelos biólogos e cientistas. O objetivo geral deste estudo é analisar os usos das ervas medicinais no cotidiano Kaingang da aldeia Pinhalzinho (TI Xapecó, SC), relacionando com a situação ambiental atual. Durante o período da pesquisa, realizada entre abril e novembro de 2014, fiz entrevistas com *kujá* (*kujá* é uma pessoa com dons espirituais, que tem o conhecimento do tempo, espaço, rituais, cânticos, língua dos animais e sobre ervas medicinais), *kofá*, mulheres e jovens. Na etnia Kaingang, as ervas (plantas) medicinais são usadas em tratamento de doenças em geral, sendo que houve época que só faziam o uso das ervas orientados pelos *kujá*, rezadores (são as pessoas que participam ajudando o *kujá* nos rituais do Kiki, para a passagem dos mortos, para o descanso eterno) e benzedores (são as pessoas que têm o conhecimento da prática de benzimentos para algumas doenças, como cobreiro, vermes, susto, entre outras). Há alguns anos esse conhecimento das ervas se tornou mais frequente entre as famílias, repassado de pais para filhos. Porém, até hoje tem conhecimento que somente o *kujá* sabe e que é repassado a alguém de sua inteira confiança e que será assim repassado a outros que guardarão sigilo até o fim de sua vida. A prática do uso de ervas medicinal vem diminuindo aos poucos na aldeia devido ao aumento da demanda da oferta e procura de medicamentos no posto de saúde. A existência, no posto de saúde da aldeia, de um horto medicinal com uma cozinha de fitoterápicos que fornece chás, xaropes e pomadas para a população também pode estar desestimulando a busca das ervas no mato. O aumento de lavouras e o uso de agrotóxicos também têm contribuído para a diminuição das espécies de muitas ervas medicinais de extrema importância para o tratamento de doenças e usadas em rituais. O surgimento de outras crenças aos poucos tem se propagado e muitos Kaingang se convertem a essas religiões, deixando de lado o uso de plantas medicinais.

Palavras-Chaves: Plantas Medicinais; Conhecimento Indígena; Índios Kaingang.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. UM POUCO SOBRE A ALDEIA PINHALZINHO.....	8
3. OBJETIVOS.....	9
4. MÉTODO.....	9
5. OS KAINGANG DA ALDEIA PINHALZINHO E AS PLANTAS.....	10
5.1. Plantas medicinais na aldeia Pinhalzinho.....	10
5.2. As entrevistas: o uso das ervas medicinais.....	13
5.2.1. Conversas com os <i>kofá</i>	13
5.2.2. Conversas com as mulheres.....	22
5.2.3. Conversas com os jovens.....	23
6. CONCLUSÃO.....	24
7. REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICES.....	26

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre cultura indígena é um desafio, pois alguns têm alardeado de que o índio é um miserável, inerte e que ele representa um regresso para sociedade. Quando na verdade sua miséria é fruto deste “progresso”, dos recursos usados para a grande revolução e a pilhagem de capital, que foi arrancado sem estudo e cuidado do meio ambiente e de seus habitantes tradicionais. Em muitos casos, podemos perceber que as sociedades modernas acabaram por destruir a “casa” de uma sociedade ancestral, a dos indígenas (BARROS et al.,2011,s.p.).

O interesse pelas ervas medicinais sempre foi de grande importância para mim, haja visto que desde criança sempre fiz uso das mesmas por ter minhas duas avós benzedoras e ajudantes de parteiras. Convivendo com elas, sempre fui muito incentivada e isso tem me ajudado muito na conclusão desse trabalho.

Para introduzir o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), gostaria de citar o estudo de Moacir Haverroth, que realizou há 20 anos pesquisa de mestrado em Antropologia Social na TI Xapecó, tratando do tema da etnobotânica Kaingang (HAVERROTH, 1997):

“Quanto a vegetação, toda a região era originalmente constituída por florestas de pinheirais, com a presença marcante da espécie *Araucária angustifolia* (Bertol.) O. Kze (Araucariáceas). Essa formação vegetativa é classificada como ‘floresta ombrófila mista’. De acordo com o mapa de vegetação do Estado, percebe-se uma pequena porção do município de Marema, abrangendo o ponto-limite oeste da AI Xapecó, que apresenta área remanescente dessa floresta. O restante da AI e da região próxima apresenta vegetação secundária e áreas com atividades agrícolas e pecuárias.” (1997, p. 5).

“A transformação que sofreu o ambiente e toda a realidade da população da T.I. Xapecó ainda não cessou essa prática, embora tenha limitado em alguns aspectos, principalmente no alimentar. O pinhão, que era um produto básico da alimentação, a partir do qual preparavam vários tipos de comida, teve uma queda violenta de produção. A implantação de serrarias no interior da Área Indígena pelo SPI, FUNAI e até de madeireiras particulares provocou uma derrubada quase total das reservas de pinheiro (*Araucária*). Hoje, esta espécie, na Área de Xapecó, se reduz a algumas dezenas de árvores mantidas como amostra num reduzido capão junto da aldeia sede e muito poucas são avistadas

na aldeia Pinhalzinho, onde somente o nome representa por se uma aldeia onde possuía muitos pinheiros, dando uma aldeia de como era a composição florestal do local, sempre lembrada nas narrações dos mais idosos. “ (1997, p 49).

“Algumas frutas silvestres são colhidas, de acordo com a sua época de maturação, contribuindo como um suplemento alimentar de relativamente pouca importância, devido à reduzida quantidade. São apreciadas e colhidas mais pelas crianças. Entre tais frutas, destacam-se: guabiroba, jaracatiá, butiá, araticum amarelo. Entretanto, as maiores partes das frutas consumidas são de espécies cultivadas por eles ou compradas e o consumo geral de frutas é pequeno ou quase nulo em certos casos, dependendo também da época. “ (1997, p. 49).

“Mais recentemente, alguns estudos têm sido realizados, junto às populações Kaingang de várias Áreas Indígenas, tratando de aspectos botânicos, especialmente envolvendo a questão do conhecimento e uso de plantas medicinais. Entretanto, esses estudos se restringem a listar nomes comuns em português de plantas medicinais Kaingang, com algumas informações adicionais e curiosidades sobre a forma de uso. Outras vezes, concentram-se em levantamentos e identificação científica de espécies usadas como medicinais, mas sem muito envolvimento com a própria população, nem seus sistemas de cura, nem sua cosmologia. Muitas vezes, fica evidente o interesse puramente farmacológico nessas pesquisas. Desconsideram-se as plantas como elementos que fazem parte de todo um processo de cura culturalmente elaborado. Quando alguns nomes indígenas são citados, aparece mais como uma curiosidade.” (1997, p. 84).

“O conhecimento etnobotânico Kaingang é amplo e relaciona-se diretamente com a sua mitologia, cosmologia, organização social, sistemas de cura, alimentação; enfim, é parte importante e essencial da sua cultura como um todo.” (1997, p. 84).

As plantas, animais e a espiritualidade no povo Kaingang estão muito ligados umas com as outras, pois são tratadas como um todo. Segundo VEIGA (1994), para os Kaingang, o ser humano completo, perfeito, é aquele onde há consciência do corpo físico e do espírito-nome, o que se dá apenas com aqueles que são, ao mesmo tempo, filhos de (homens) legítimos descendentes clânicos de *Kanhru* e de *Kamé*.

Segundo relato dos *kofá*, depois de um dilúvio os dois irmãos surgiram de um buraco na terra, *kamé* ao nascer do sol e tem a marca comprida e o domínio das plantas e animais com a mesma marca; *kanhru* nasceu ao nascer da lua e tem a marca redonda, com o domínio sobre plantas, animais com marca redonda. É importante lembrar que os filhos sempre herdarão a marca do pai.

Os *kujá* são pessoas que têm o dom de conhecer o tempo, as plantas, animais, pássaros, água, e os espíritos. São preparados desde criança para saber como lidar com esse dom e poder ajudar os outros, com orações, simpatias, remédios com ervas e plantas; muitas vezes passam dias na mata (monte) fazendo jejum e orações em favor das pessoas doentes da aldeia. Os rezadores são pessoas que ajudam a fazer a festa do kiki (ritual de passagem dos mortos); benzem cobreiros, mordidas de bichos em geral, criança atacada dos vermes (lombriga), fazem simpatias, e também fazem e ensinam usar ervas medicinais. Os *kofá* são pessoas idosas da aldeia que são muito respeitadas por suas sabedorias, experiências e conhecimentos com ervas, plantas, mitos e lendas, armadilhas de caça, pesca, armas kaingang etc. Cada um, *kujá*, *kofá* e rezadores, tem suas especificidades e formas de ajudar as pessoas da aldeia.

Os Kaingang buscam o posto de saúde, além dos tratamentos com os curadores, se automedicam com remédios da farmácia e ainda aderem a diferentes igrejas existentes na aldeia, muitas vezes procurando solucionar problemas de saúde.

A pergunta desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é: Qual é a relação do povo Kaingang da aldeia Pinhalzinho da Terra Indígena Xapecó com as ervas medicinais nos dias de hoje?

2. UM POUCO SOBRE A ALDEIA PINHALZINHO

A TI Xapecó está localizada nos municípios de Ipuacu e de Entre Rios e segundo o censo do IBGE (2010) tem 3.935 habitantes, principalmente Kaingang e em menor proporção Guarani e Xetá, que vivem em 15.623 hectares distribuídos em 16 aldeias. A aldeia Pinhalzinho, onde foi realizada a pesquisa, fica situada entre as cidades de Bom Jesus e de Ipuacu (fica a cinco quilômetros do centro dessa cidade), tendo aproximadamente 410

famílias (dado fornecido pela Secretaria Municipal de Saúde de Ipuacu, dado não publicado). Ela é dividida ao meio pela BR 480.

Possui uma escola, que em 2014 contava com 219 alunos de 1º ao 8º ano e um quadro de 17 funcionários (dados não publicados). Há um posto de saúde, que em 2014 tinha 16 funcionários (dado não publicado), onde existe um horto medicinal e uma cozinha de fitoterápicos. Ainda existem um centro cultural, o Clube de Mães (com mais de 70 sócias), sete igrejas evangélicas e uma católica, um ginásio de esportes.

A cidade de Ipuacu tem aproximadamente 51% dos eleitores indígenas e em 2014 havia dois vereadores Kaingang, sendo um deles cacique da TI. Grande (parte das famílias dessa aldeia trabalha em frigoríficos de Ipuacu (Canção que abate aves e Cooper Vilmom que abate suínos) e da região (como Aurora e Seara, que abatem aves) e há ainda Kaingang motoristas dos veículos de transporte de trabalhadores para esses frigoríficos. Ainda têm indígenas trabalhando na educação e na saúde, além daqueles que recebem pensão, aposentadoria ou bolsa família do governo brasileiro.

Hoje na aldeia Pinhalzinho as pessoas têm suas casas de madeira ou alvenaria e quando se casam ficam alguns meses morando junto com seus pais, mas logo constroem suas casas e vão morar sozinhos com esposas e filhos.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é analisar os usos das ervas medicinais no cotidiano Kaingang da aldeia Pinhalzinho (TI Xaçepó, SC), relacionando com a situação ambiental atual.

Os objetivos específicos do TCC são:

- Apresentar os conhecimentos que as pessoas têm sobre plantas medicinais;
- Compreender o impacto da situação ambiental atual sobre o uso de plantas.

4. MÉTODO

Para realizar esse TCC realizei pesquisa na literatura em: livros, artigos, monografias e TCC já escritos e publicados. As pesquisas de Moacir Haverroth (2007) e Juracilda Veiga (1994) são base para a análise e discussão dos dados coletados.

Fiz pesquisa de campo, por meio de entrevistas (ver o roteiro das entrevistas no Apêndice) com os *kofá*, com mães de 20 a 35 anos e com jovens de 16 a 18 anos da aldeia Pinhalzinho, focando nos conhecimentos e as práticas sobre plantas. O registro dos dados foi em caderno de campo e/ou fotografia. Não gravei as conversas, mas procurei trazer a fala de cada pessoa da forma como expressaram, a partir do que escrevi no caderno.

O trabalho de pesquisa na aldeia Pinhalzinho ocorreu no período de abril de 2014 a novembro deste mesmo ano, que realizei na sua maioria individualmente e sempre respeitando a disponibilidade de cada um. Entrevistei *kujá* e *kofá*, tendo muito respeito com eles, e as mães e jovens também deram suas enriquecedoras parcelas de contribuição, em um total de 22 pessoas com idades entre 16 e 90 anos.

5. OS KAINGANGDA ALDEIA PINHALZINHO E AS PLANTAS

Vou apresentar os resultados da minha pesquisa, trazendo a lista das plantas citadas pelos entrevistados e partes das entrevistas que mostram a importância das plantas na vida da aldeia.

5.1. Plantas medicinais na aldeia Pinhalzinho

No levantamento de campo, os entrevistados citaram as plantas que conhecem que podem ser vistas na Tabela 1.

De acordo com a pesquisa de Moacir Haverroth (2007, p. 65):

“A classificação das plantas-remédio (vênh-kagta) está associada à classificação das doenças (kaga). Os remédios são indicados dependendo da etiologia e/ou nosologia das doenças. Tal associação é fundamental na compreensão da categorização das plantas-remédio. O conceito de vênh-kagta se aplica tanto a remédio quanto a veneno, ou seja, se refere a qualquer substância que tenha efeito no organismo, independente de seu resultado. Assim qualquer planta pode ser vênh-kagta, mas há uma distinção quanto à qualidade de seu

efeito, conhecimento esse que predomina entre os especialistas em cura e idosos”.

Ainda conforme o trabalho de Moacir Haverroth (1997, 2007), as plantas podem ser classificadas de acordo com a divisão *Kamé* e *Kanhru*, que são as marcas simbólicas Kaingang.

Tabela 1: Plantas medicinais citadas pelos entrevistados, aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena Xaçecó, SC, abril-novembro 2014.

Plantas (nome em português ou Kaingang)	Classificação simbólica	Sintomas e doenças	Outros usos	Quem citou
Açoite cavalo, çoita	<i>kamé</i>	Rinite	Madeira, lenha	Kofá, mulheres
Aipim, mandioca	<i>kamé</i>	Sonífero, hemorroida, fortificante,	Alimento	Jovens, mulheres, kofá
Amora branca	<i>kanhru</i>	Hipertensão	Lenha, alimento	Kofá, jovens mulheres
Angico vermelho	<i>kamé</i>	Gripe, Bronquites	Madeiras	Kujá, kofá
Araticum, araticum	<i>kanhru</i>	Reumatismo, feridas, úlcera, cólicas	Madeira, lenha, alimento	Jovens, mulheres, kujá, kofá
Bardana, badana	<i>kanhru</i>	Pneumonia, queda de cabelo, infecção no útero	Sem outras utilidades	Jovens, mulheres, kofá
Batata doce	<i>kanhru</i>	Inflamação gengivas, garganta, frieiras	Alimento	Kofá, mulheres, kujá
Buva	<i>kamé</i>	Câncer, Hemorroida, doenças venéreas, fígado.	sem outras utilidades	Kofá, kujá
Cambará	<i>kamé</i>	gripe, bronquite	Madeira, lenha	Kujá, kofá
Cana de macaco, cana de mico	<i>kamé</i>	Coração, diurético, bexiga, DST, cálculos nos rins	Medicamento, alimento	Kujá
Caraguatá	<i>kamé</i>	Coqueluche, vermífugo, asma, garanta,	Alimento medicamento	Mulheres, kofá
Caroba	<i>kamé</i>	Varizes, DST, ossos, alergia	Lenha, madeira	Kofá, kujá
Carqueja doce, carqueja	<i>kamé</i>	Azia, DST, sinusite, hipertensão	sem outras utilidades	Kofá, mulheres
Cedro	<i>kamé</i>	Inflamação dos testículos	Madeira	Kofá, kujá
Cerejeira, cereja	<i>kanhru</i>	Acido úrico, reumatismo	Madeira, lenha.	Kofá, mulheres
Chapéu de couro	<i>kanhru</i>	laxante, ácido úrico, artrite, rins, diurético	sem outras utilidades	Mulheres, kofá, kujá
Cipó mil homens	<i>kamé</i>	Tônico, depressão, stress, nevralgias, malária, dor no ciático	sem outras utilidades	Mulheres, kujá, kofá
Cuião de viado	<i>kamé</i>	Câncer, tumores, ferido crônicas	sem outras utilidades	Kujá, kofá
Guabiju	<i>kanhru</i>	Intestino frouxo	Alimento, madeira	Kofá, kujá
Guabiroba, guavirova	<i>kanhru</i>	Bexiga, útero, hemorroida	Madeira, lenha	Kujá, kofá, jovens, mulheres

Guajuvir, guajuvira	<i>kamé</i>	Feridas crônicas	Madeira, lenha	Kofá
Guçatanga, cha de bugre	<i>Kamé</i>	Obesidade, úlcera, problema de próstata, coração, osteoporose, colesterol	Madeira, lenha	Kujá, kofá, mulheres
Inga	<i>kamé</i>	Anticéptico, corrimentos, gonorreia	Alimento madeira, lenha	Jovens, mulheres, kujá

Tabela 1 (continuação): Plantas medicinais citadas pelos entrevistados, aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena Xapecó, SC, abril-novembro 2014.

Plantas (nome em português ou Kaingang)	Classificação simbólica	Sintomas e doenças	Outros usos	Quem citou
Ipê roxo	<i>kamé</i>	Depurativo do sangue, toxinas, feridas crônicas,	Madeira	Mulheres, kofá, kujá
Mamica de cadela	<i>kanhru</i>	Contra veneno de cobra, azia, dor de ouvido,	Sem outras utilidades	Kofá, kujá
Mata campo, arca peixe	<i>kamé</i>	Inflamação do útero, tosse, pedras nos rins, hemorroida, amarelão, pneumonia, desintoxicar	Sem outras utilidades	Mulheres, kofá
Pariparoba do mato, pariparova	<i>kanhru</i>	Anti-inflamatório, fígado ulcera bronquite, asma	Sem outras utilidades	Kofá, mulheres
Pau amargo	<i>kamé</i>	Gases, digestão, malária, diabetes	Madeira	Mulheres, kofá, kujá
Pinheiro araucária, pinheiro, fág	<i>kamé</i>	Fortificante, reumatismo, varizes, bronquite	Madeira, lenha, alimento, ritual	Kujá, kofá
Pitanga	<i>kanhru</i>	Problema de intestino, ansiedade, reumatismo	Madeira, lenha, alimento	Jovens, mulheres, kofá, kujá
Sabugueiro		Bronquite, sarampo, varíola, caxumba, cálculos, toxinas	Fazer brinquedo,	Kofá, kujá, mulheres
Sete capotes, capote	<i>kanhru</i>	Epilepsia, urina solta, câimbra de sangue	Alimento madeira	Kofá, kujá, jovens
Sete sangria	<i>kanhru</i>	Falta de ar, problema do coração, insônia, derrame, doenças venéreas, pressão alta, e emagrecer	Madeira,	kujá, kofá, mulheres
Tansachagem, tanchais	<i>kamé</i>	Rins, cicatrizante, amigdalite, diurético	Madeira,	Mulheres, kujá, kofá
Tarumã	<i>kamé</i>	Doenças da pele, sífilis, menopausa, AVC, problema na próstata	Madeira, lenha	Kofá, kujá
Uvaia	<i>kanhru</i>	Febre tifoide, gripe, diarreias	Madeira, alimento, lenha	Mulheres, kujá, kofá, jovens.

Muitas das plantas têm nome em Kaingang, mas nesse TCC não foi possível obter essa informação porque tive vários problemas de saúde, e por isso me faltou tempo para pesquisar melhor com nossos *kujá* e *kofá*.

Na classificação simbólica, conforme Haverroth (2007), observamos que há mais plantas *kamé* que *kanhru*. Acredito que isso pode ser porque na mitologia kaingang, *kamé* é mais forte que *kanhru* e trabalha durante o dia; outro é que a maioria dos entrevistados é

kamé, inclusive as duas *kujá*. Segundo os *kofá* (os mais velhos), o dia de coleta era respeitado, não era qualquer pessoa que podia ir à mata e fazer a coleta das ervas. Mulher menstruada não podia ir ao mato, pois corria o risco de engravidar de um bicho, e crianças somente aquelas que respeitavam e guardavam segredo. Quando chegava à mata pediam licença para entrar; os homens davam um grito e ficavam ouvindo o eco: se estivesse alguém ali iria responder com outro grito e então eles sabiam que não estavam sozinhos na mata.

Quando alguém estava sendo preparado para ser um *kujá*, era levado até a mata desde criança para ir aprendendo aos poucos, aprender a respeitar os animais, plantas, água, fases da lua, e quando ele já estava pronto iniciava a etapa de jejum e orações no monte para purificação. Quando ele passava perto de uma planta, os espíritos lhe falavam sobre as propriedades que aquela erva tinha para curar doenças e se esta podia ser usada nos rituais ou em outros contextos, como banhos, massagens, simpatias, momentos especiais (reza, danças e rituais), artesanatos, adornos e as armas.

Observo que hoje a maior queixa de doença dentro da TI é dor nos braços e coluna, há uma preocupação em relação a este assunto, pois até pouco tempo atrás essas dores eram raras em nossa aldeia. Essas dores podem estar relacionadas ao excesso de carga horária vivida pelos kaingang que trabalham em frigoríficos da região, onde trabalham cerca de oito a dez horas todos os dias, saindo de casa por volta de 02hs, 04:00 h e 05:00 h da manhã; quando voltam para casa tem seus afazeres, filhos e outros compromissos do dia-dia da aldeia.

5.2. As entrevistas: o uso das ervas no dia a dia

Abaixo estão as entrevistas realizadas, de acordo com os grupos definidos na metodologia.

5.2.1. Conversas com os *kofá*

Entrevistado Sr Laudelino Fernandes.

Nascido: em 05/05/1930.

É *kofá*.

“Os *kofá* davam banho com ervas pra nós ser bom brigador e simpatias pra quando andasse no mato os inimigos não encontrassem. Ensinavam-nos os segredos das armas, pra ser bom caçador. Como escolher as varas pra fazer armadilhas, laço, ceva [um tipo de armadilha para caçar animais], arapuca, mundéu. Eu gostava de caçar tatu em noite de lua cheia; eles saiam pra come e bebe água daí é mais fácil pra matar eles. Pra nunca se perder no

mato também tinha simpatia. Com ervas para ser bom observador, pra encontra abelhas eles ensinavam ter paciência e silêncio. As abelhas sem ferrão jataí, tubuna, manduri, guaraipo, se criam nos oco das árvores, os homens tiravam o mel pra adoçar os remédios e fazer emplastos com alho, semente de mostarda, e canforo [canflor] pra licencio [abscesso], estrepe [pedacinho de madeira] que nos fincava nas pernas ou pé quando ia trabalhar caçar, pescar ou tirar madeira pra fazer as casas, paiol, encerra [um tipo de chiqueiro]. Nós podíamos escolher que madeira queria, pois tinha abundância de madeira de lei. O pinheiro [araucária] que deu nome da aldeia Pinhalzinho, o cedro, grapia, angicos, cabriúva, loro, guajuvira, credo!!!! Tinha demais dessas madeiras por aqui, e as de fruta como gabirova, guaviju, capote, jabuticaba, uvaia, pitanga; as crianças gostavam de comer amora, tinha capão delas, juá, viviam com os dedos que era só espinho, guru piá, tarumã, angã, tinha de tudo nesse mato aqui e tudo eles nós usava para fazer remédio, fora as outras que agora eu não lembro. Hoje, eu fico demais de triste com tudo isso, vendo tudo destruído, tem fruta que meus netos e bisnetos não conhecem e nunca comeram e nem vão comer essas fruta do mato, do jeito que está indo as coisas. Hoje pra achar algumas dessas plantas têm que andar muito longe, pois está difícil aqui perto por causa da desmatção e o aumento da aldeia nos últimos anos e isso me deixa muito triste, quando quero uma erva que não tem aqui perto tenho que ir longe buscar no mato.



Imagem do Sr. Laudelino Fernandes, na escola da aldeia Sede, palestrando para alunos do 6º ano. Data desconhecida.

Entrevistada Sra. Valderes de Oliveira Mendes.

Nascida em: 10/02/1955

A Sra. Valderes é minha mãe.

“Nosso tempo, ou seja, há alguns anos atrás era muito difícil comprar remédios pra tratar muitas doenças, nós fazíamos somente o uso de ervas medicinal. Só mesmo em casos muito extremos que os curadores não davam volta, daí nos ia procurar um médico, mas era muito custoso e longe. Quando tinha uma mulher grávida desde os primeiros meses que ela descobria que tava grávida se tratava com as parteiras, fazendo uso de ervas pra beber ou tomar banho antes, e depois do parto aí à mãe tomava remédio pra se limpar e ter leite. Daí tinha um cuidado especial com o umbigo da criança, tinha que ser enterrado no pé de uma árvore ou um local especial pra ter sorte, ser bom caçador, bom guerreiro, e se dar bem na vida. Desde que nascia o umbigo da criança era tratado com ervas; enquanto à mulher tava grávida, ela tinha que guardar banha de galinha pra usar com ervas, era enfaixada a barriguinta do nenê pra não render o umbigo e ficar feio. Quando o nenê nascia, ele e a mãe ficavam sete dias fechados no quarto e só tinha a claridade de velas, que era feita com cera de abelha que o marido recolhia e preparava para guardar. Nem a mãe nem o nenê podiam pegar réstia de sol e da lua durante os sete dias; daí os poucos eles saiam do quarto, o período do resguardo era muito respeitado. Para cólica era usado o chá de masania [camomila], manjerona, que era coletada logo de manhã quando o sereno secava ou e de tarde antes do sereno cair. Nós dávamos banho [massagens] com banha de galinha pra eles descansar e ter uma pele bonita e pra não criar feridas fervia o funcho [erva doce] e esquentava um pedaço de cerâmica [tijolo, telha] no forno do fogão, retirava do fogo e colocava a cerâmica quente dentro, esperava amornar e dava o banho na criança; ela não criava ferida nem as casquinhas na cabeça. Quando uma criança tinha pontada [pneumonia] era usada a folha da badana com graxa esquentada no fogão a lenha; se fosse adulto nós usávamos chá de erva mate com sal pra tomar morno e passar quente nas Costelas, e fazia chá de picão, chinchio, mata campo, salvia velha [salvia do rio grande], casca do angico vermelho, fumeiro bravo. Se “a pessoa tomava os remédios e não melhorava era procurado outro recurso, pois podia ser tuberculose ou outra doença grave.”



Imagem da Sra. Valderes de Oliveira Mendes.

Foto: agosto de 2014.

Entrevistada Sra. Eva Mendes

Nascida em: 05/05/1922

É *kofá*.

“Eu me lembro claramente que quando eu era criança e mesmo na minha mocidade nos só tomava chás de ervas medicinais. Minha mãe tinha o cuidado de na primavera e outono ela coletava as ervas para guardar em potes ou num cantinho de um paiol que nós tínhamos para se esquentar no inverno. Era remédio para tudo: dor de barriga (cólicas), gripe, sarampo, tosse comprida [coqueluche], nós tomava a água da taquara mansa. Mas tinha umas ervas que não dava pra guardar, cada vez que precisava tinha que ir buscar no mato. O cipó mil homem era muito usado era para gripe, infecção nos rim, bexiga, fraqueza, dor no peito; a macela, sete sangria, casa de anta, caroba, chapéu de coroa, era umas das principais ervas que eles guardavam, quando alguém não tinha em casa, corriam no vizinho buscar um pouco de chá para fazer para sua família. Todos nós éramos unidos e quando os chás que a gente tinha em casa, ou que não sabia para que servisse, ia pro *kujá* para ele rezar e ensinar a usar ou fazer o remédio para nós tomar. Quando a erva medicinal tinha a folha comprida era *kamé* e a folha fosse redonda era *kanhru*. O cipó unha de gato é usado até hoje para vermes, dor nas costas, inchaço nas pernas, barriga e urina pressa. A gente só ia para o médico quando estava muito mal e o *kujá* não dava volta, daí ele mesmo mandava procurar outro recurso. Daí nós tinha que fazer quilômetros a pé, de cavalo ou às vezes pegava carona com caminhões de tora [madeira] que iam para cidades, mas isso era difícil, pois uns tinha raiva dos índios, outros

tinham medo, diziam que os indígenas eram bandidos e gostavam de matar os brancos, sendo que era ao contrário.

Hoje nós somos evangélicos e não vamos mais atrás do *kujá* ou rezador para fazer simpatias ou chás. Mas em todos esses anos de vida nós aprendemos muito com os mais velhos que já se foram e com a vida. Cuidando da saúde de nossos dez filhos, que tive nove em casa e só a última que nasceu no hospital por causa da idade. Hoje faço remédio para filhos e netos, eles não têm prática e nem conhece direito as ervas. Daí eu vou buscar para fazer para eles. Também hoje tem o posto de saúde para pegar medicamentos, só que ele cura uma coisa e provoca outra e na maioria das vezes nem tomam direito esse remédio. A comida deles é diferente da nossa porque trabalham fora ou não gostam das comidas antigas e isso me deixa muito triste; mas o que fazer. É a “modernidade de hoje tomando conta da nossa aldeia.”



Imagem da Sra. Eva Mendes.

Foto de Ivania Mendes: junho 2014.

Entrevistada Sra. Divaldina Luiz

Nascida em: 30/10/1934

É *kujá* da aldeia.

“Quando eu tinha cinco anos de vida comecei a perceber que tinha o dom de lutar com as pessoas, mas não falei nada pra ninguém por ser muito pequena, mas no segundo kiki que estava sendo realizado em minha aldeia meu pai me chamou que tinha um senhor muito idoso, que ele queria falar comigo. Chegando ao lugar onde esse senhor se encontrava perguntei o que ele queria e ele começou a falar que ele era o São João Maria de Augustinho, que eu tinha um dom para ajudar as pessoas e começou a me ensinar ali mesmo alguns remédios que eram bons para saúde. Disse que eu iria ajudar muitas pessoas a se recuperar de muitos problemas e que eu iria ensinar e curar muita gente, também conhecer lugares. Nas rezas do kiki quem não trouxesse as sete sangrias que é *kanhru*, o pinheiro que é *kamé*, não entrava na festa de jeito nenhum, pois essas ervas são sagradas para o povo Kaingang. Então era para eu pegar as folhas do capoteiro [sete capote], ferver bem, esperar esfria e com um conta gotas pingar nos olhos, que iria curar qualquer tipo de doença na vista. Falou que a parreirinha é pra curar diarreia, dor de barriga, as folhas da taquara mansa também é usada pra desintoxicar o corpo, pra tosse comprida [coqueluche], contra veneno de cobra, tem que tomar um litro bem cheio de chá. A cana do brejo é boa pra pedra nos rins, coração, doença pegada [DST], mas hoje está difícil achar. O cuião de veado é muito usado pra curar câncer principalmente no útero, ferve ele com carqueja e toma por água, mas não pode tomar por mais de 15 dias. Se não cuidar, em vez de remédio a pessoa está tomando um veneno, pois faz efeito contrário no organismo humano. O chapéu de couro é *kamé*, pois tem as folhas cumpridas; pra tomar tem que deixar secar na sombra, não pode só colher e já tomar; também é bom pro intestino, mas não pode tomar muito, ele emagrece e dá fraqueza. A maioria das ervas tem que ser colhidas de manhã depois que cai o orvalho e de tarde antes do orvalho cair de novo. Tem muito a ver o dia, é Bom estar limpo [com sol], pois se estiver nublado e você guardar elas vai bolourar [mofar], sem nunca esquecer que toda erva deve ser secada na sombra e guardada em potinho bem fechado. Antigamente não precisava fazer assim, pois tinha muita erva, a hora que precisávamos nós ia buscar no mato, mas com tanto veneno está difícil achar as ervas. Hoje tem que ir lá ao mato e com tempo pra procurar bem. As geadas fora de tempo, as seca também judia das plantas. Tá cada vez mais difícil as coisas, eu choro de me lembrar da abundância de ervas que existia aqui na aldeia. Hoje os mais jovens só querem remédios dos brancos e tão morrendo à míngua, deixando de lado uma cultura tão rica que é o conhecimento do Kaingang com as ervas e plantas. Um dia o índio vai olhar pro lado e vai ver o branco usando o seu conhecimento, pois vem com quinhentas pesquisas e levam nosso saber pra outra cultura, usa em laboratórios o nosso saber e diz que é deles. O Kaingang sabe remédios pra ficar com a pele bonita, ter corpo bonito, ser forte, inteligente, sábio, destemido, mas tá se deixando levar pela ganância de querer ficar rico, comprar carro bonito,

fazer casa boa, ter muitos aparelhos na luz. Isso é bom, pois tudo muda, mas a nossa terra, a natureza sofre com isso. Hoje só se preocupam em trabalhar fora para ganhar dinheiro isso ajuda, mas não é tudo. Que quê adianta ter dinheiro e não ter saúde. Eu fico preocupada, estou ficando velha e penso e daqui mais uns anos como será minha aldeia, será que existirá um *kujá* para orar por esse povo? “Eu acredito que sim, pois haverá uma retomada de ânimo pelos nossos netos, porque no sangue kaingang mora um guerreiro que lutará com garra e vencerá essa luta.”



Divaldina Luiz.

Foto de Ivania Mendes: setembro 2014.

Entrevistada Sra. Lindacir Miquelino (Sra. Lindacir pediu para que a entrevista fosse transcrita assim como ela falou e eu busquei cumprir com o pedido, a partir das anotações do caderno de campo).

Nascida em: data não informada.

É *kujá*.

“O meu pai sempre foi benzedor e gostava de fazer remédios para curar as pessoas, e eu ficava olhando, mas só depois de muitos anos observando ele é que eu tomei a decisão de aceitar o dom de tornar, uma *kujá* e de ajudar os outros. Daí ele começou a me ensinar as fases da lua que podia colher as ervas, as formas de coleta, e respeitar principalmente o voz dos guias, os pássaros, a água, as árvores, o vento. Muitas vezes eu estou no mato, daí os espíritos me chamam em voz alta, outras vezes eles me puxam pela minha roupa para me orientar qual erva usar e pra que doença que ela serve. Não é só ir ao mato e pegar as ervas colocar na panela, ferver e tomar e nem qualquer pessoa pode fazer isso, porque se fizer isso pode ser muito ruim pra saúde humana. Existe ervas que tem que esperar secar na sombra pra daí fazer chás. Quando alguém me procura e o caso é mais complicado e eu sozinha não consigo resolver, eu procuro os outros rezadores, daí juntos nós vamos ao monte pra orar e pedir orientação aos guias. Quando o caso é complicado oramos sete dias em jejum, quando voltamos do jejum não podemos comer comida forte e carne de tipo nenhum. Os primeiros dias após o jejum têm que comer sopa até o estômago se fortalecer de novo, daí pode comer normalmente. Tem alguns *kujá* que aprendem fazer as coisas pro mal ou cobram, mas eu não quis fazer isso, eu faço remédios para bem, pra curar as pessoas pra amarelão, pedras nos rim, na vesícula, hemorroida, rendidura, fratura, gripe, e já fiz até pra câncer e a pessoa voltou, fez os exames e não tinha mais nada. Quando eu vou coletar as ervas procuro ir sozinha ou levo só mesmo quem eu sei que um dia será um *kujá* e os remédios mais simples eu ensino a todos que me procuram. Mas nos últimos anos eu estou pensando seriamente nisso, pois já estou velha e os mais novos não têm vontade de aprender a lutar com as ervas, quando estão doentes procura primeiro o posto de saúde depois o *kujá*; outros mesmo não sendo evangélicos gostam de ir nas Igrejas e acreditam-nos curas que os crentes fazem, e têm outros que não acreditam em nada, não tem religião nenhuma na vida e isso é perigoso pois sem Deus não dá pra viver. Tem alguns tipos de remédios que hoje eu sofro pra encontrar tem que andar longe no mato, pois aqui perto não tem mais e quando tem não dá pra usar porque são perto das granjas e tão sujos de veneno, não dá pra usar. Sempre vem gente aqui pra fazer pesquisa, eu ensino só os remédios mais comuns, pois eles levam o nosso saber, registram em cartório e diz que foi descoberta deles. Daí tem que tomar cuidado com o que falou, mas pros nosso kaingang nós falamos tudo o que sabemos e o que nos é permitido ensinar, pois além do saber das ervas, temos os rituais que usamos na preparação de medicamentos. Às vezes eu perco o sono pensando no que será desse povo se continuar assim e ninguém fazer nada pra mudar essa realidade, os rios estão cada dia mais poluídos, as matas destruídas, as pessoas só pensam em trabalhar fora, deixam seus filhos nas mãos dos outros pra criar e educar e os professores que sofrem com isso, pois as crianças são revoltadas, respondões. Isso é muito

ruim pro futuro, se o pai trabalhasse e a mãe ficasse em casa e criassem galinha, plantassem verduras, mandioca, bata-doce, pipoca, abóbora, e cuidasse da casa e da educação dos filhos tudo seria bem melhor. Aqui na minha aldeia é bom de morar, o povo são calmos e respeitam os mais velhos.

Eu gostaria que esse rio aqui desse pras crianças brincam igual antigamente, e a gente pudesse ir lá e achar todas as ervas que antigamente tinha ali. Era muitas de pitanga, uvaia, sete capotes, guabiroba, guamirim, cedro, angico vermelho, cereja da água, tarumã, urtigão, pariparova, cipó mil homens, chapéu de coro, caroba, caraguatá, guiné, etc. e os que tinham na mata era guaviju, ingá, jabuticaba, ipê, mamica de cadela, mata campo, pau amargo, açoite cavalo, chá de bugre, araçá, cabriúva, etc. Todas essas plantas nós usavam quase todos os dias, era pra todos os tipos de doenças do pulmão, do coração, dos rins, bexiga, reumatismo, ovários, útero, doenças pegada [venéreas], nós tinha o remédio certo pra cada tipo de doença. Mas hoje dá tristeza de ir buscar essas ervas, é difícil achar aqui perto daí eu tenho que gastar meio dia inteiro só para buscar no mato, daí eu espero meu pai ou meu filho para ir junto comigo, já estou velha não posso mais ir sozinha coletar o que eu preciso. Vem bastante gente de fora pedir para benzer e fazer remédios para eles, eu faço, mas não conto os remédios e a maneira de fazer, para eles não levar o nosso saber kaingang que é só nos indígenas que sabemos realmente todos os segredos e bênçãos que a mata tem guardado pra nos que somos da mata e por ela vivemos.



Imagem a pedido da Sra. Lindacir Miquelino, por simbolizar a água e as plantas (a Sra. Lindacir não quis tirar foto). Foto de Ivania Mendes: agosto de 2014, Curitiba, PR.



Imagem de coleta de plantas na mata.
Foto de Ivania Mendes: abril 2013.

5.2.2. Conversas com as mulheres

Segundo entrevistas individuais realizadas com mulheres de 20 a 35 anos, o uso de ervas medicinais tem diminuído a cada dia. O costume de plantar alguma planta, tão essencial na cultura kaingang, não é mais praticado por falta de tempo, espaço, pois a aldeia aumentou muito nos últimos anos e por causa da facilidade de locomoção, por ser na beira da (BR) e ter luz, muitas famílias abandonaram seus sítios onde plantavam e criavam de tudo. Apesar disso, algumas relataram que estão tentando cultivar em suas hortas ou quintal algumas ervas que eram mais usadas por suas mães quando elas eram crianças. Por exemplo: erva doce, camomila, Mangerona, canflor, Artemísia, arruda, aipo do reino, salvia velha, mil em ramas, poeginho, boldo, etc. Algumas dessas mulheres às vezes procuram a *kujá* pra rezar por seus filhos e dar remédios quando estão doentes.

Hoje a maioria delas, logo que completam 18 anos, saem para trabalhar fora e deixam seus filhos com as avós ou com parentes mais próximos. Relatam que hoje os costumes e crenças da aldeia vêm se modificando e elas têm que ajudar nas despesas de casa e garantir o conforto da família, que é ter TV, celular, notebook, carro, móveis, roupas caras. Lembrando que as entrevistadas são donas de casa, professoras e outras que trabalham em frigoríficos. As entrevistadas foram: Camila Fernandes 20 anos; Jucelene Maria zappe 28 anos; Francieli Mendes Neris 27 anos; Priscila Neris 29 anos; Simone Leopoldino 30 anos; Juracilda Capanema 34 anos; Anderleia Jacinto 30 anos; Joseane batista 31 anos.

5.2.3. Conversas com os jovens

Foram entrevistados: Luan Rodrigues Mendes 16 anos; Elielson Leopoldino 16 anos; Jakson Ferreira 17 anos; Rudivan Batista Mendes 17 anos; Christian Mendes Gonçalves 18 anos; William Batista 16 anos; Roviana Gonçalves Mendes 16 anos; Tália Outeiro Campos 16 anos; Roseana Gonçalves 18 anos.

Conforme um dos entrevistados, “a minha família faz uso de erva medicinal em alguns momentos. quando estamos gripados, com diarreia, dor de estômago, dor nas costas, ferimentos, feridas, mas a grande reclamação deles [pais] é que hoje a maioria das ervas estão longe do centro da aldeia, nas matas aos redores. Dá uns quatro quilômetros de distância e nós não conhecemos bem essas ervas que é usada pelos *kofá*, nossos pais, a maioria trabalham nos frigoríficos da região, saúde, educação, e ficamos a maioria das vezes sozinhos em casa e o tempo livre que temos gostamos de assistir TV, jogar vídeo game, escutar som (funk, sertanejo universitário, gospel), jogar futebol, ir à igreja (evangélica), estudar, são as que mais

gostamos e também sair para rua com os amigos. O assunto das ervas às vezes gostamos de ouvir, mas a gente nem tem tempo de preparar e é só consultar e pegar remédio no postinho ou na cozinha de fitoterápico, que tem a Vita [Marines] que faz os remédios de ervas medicinal.”



Imagem de jovens da aldeia Pinhalzinho.
Foto de Ivania Mendes: novembro 2014.

6. CONCLUSÃO

Nos últimos anos, o uso das ervas medicinais tem diminuído em nossa aldeia devido ao aumento de lavouras de soja, milho e trigo, que são as principais plantações feitas por alguns indígenas da aldeia. As beiras do único rio e alguns córregos e nascentes estão contaminadas por agrotóxicos, e observa-se ainda o aumento de lixo, o desmatamento para o aumento dessas lavouras ou para fazer poteiros de criação de gado. A morte dos *kujás* e rezadores mais velhos também é um dos agravantes. O uso de medicamentos industrializados e a facilidade em adquiri-los no posto de saúde da aldeia (com consulta médica) ou nas farmácias da cidade (automedicação) ou segundo relato de alguns entrevistados a falta de tempo para o preparo de remédios com ervas, também tem contribuído com a falta de interesse de alguns em usar chás, xaropes, em tratamentos de doenças consideradas comuns.

Existem dentro de minha Terra Indígenas muitos pensamentos diferentes em relação às ervas medicinais na atualidade. Muitas vezes é muito mais prático você se dirigir ao posto de saúde e lá adquirir os medicamentos industrializados, sem se preocupar com os efeitos contrários que eles causam quando são mal ingeridos nos tratamentos de saúde, tem-se a falsa impressão de alívio rápido de dores. Muitas vezes não tem tempo para ir ao mato buscar ervas ou por não ter a confiança total nas plantas, mas perde uma tarde toda na fila de espera por uma consulta; chegando sua vez, o médico nem olha no rosto, só pergunta o que está havendo, receita um tratamento que na maioria das vezes não dá certo, porque na próxima semana o paciente estará novamente no posto de saúde à procura de um novo tratamento, levando medicamentos mais fortes que os anteriores; vai ingerir até ter uma leve melhora e talvez abandonar o tratamento. Só depois vai atrás de um tratamento com ervas medicinais. Aí o seu organismo já está viciado em medicamentos fortes e ele reclama que as ervas não prestam, porque não faz efeito como antes faziam.

O conhecimento deste TCC só me fez crescer como ser humano e como profissional, riquezas que quero continuar a adquirir no decorrer de minha vida e procurar ajudar de alguma forma as pessoas que convivem ao meu redor.

Sabendo que todo saber só enriquece e edifica o ser humano, que tem no peito um coração feito e formado de esperança, amor, confiança, determinação e garra para amar e se entregar a uma paixão kaingang, que não se importa em perder sua vida por amor à natureza e sua biodiversidade.

7. REFERÊNCIAS

BARROS, Karina Fabíola Glins de; NEU, Vania; ROCHA, Cinthia Creatini da. Etnoconhecimento utilizado pelos índios Kaingang da região sul do Brasil. In: **Anais do 9º Seminário Anual de Iniciação Científica**, 2011. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia. 2011. Sem página.

HAVERROTH, Moacir. **Kaingang um estudo etnobotânico: O Uso e a Classificação das Plantas na Área Indígena Xaçepó (oeste de SC)**. 1997. 175 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

HAVERROTH, Moacir. **Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang**. Recife: Nupeea, 2007. 107 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010 **Tabela 3.1 - Pessoas residentes em terras indígenas, por condição de indígena, segundo as Unidades da Federação e as terras indígenas - Brasil – 2010**. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_3_01.pdf. Acesso em: 15 maio 2013.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e Cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional.1994**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) –Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UNICAMP, Campinas, 1994.

APÊNDICE 1

Roteiro para entrevistas:

- Com os *kofá*: no decorrer da sua vida, como você vê as mudanças na comunidade onde você mora, falando sobre plantas, ambiente (natureza), os conhecimentos das plantas você ainda pratica até hoje. Foi feita visita juntamente com os *kofá* para coletar, pedindo para eles relatarem para que sirva cada planta e o nome da planta em kaingang e em português, se é *kamé* ou *kanhru* e para que serve.
- Com as mães: você tem o costume de plantar algumas ervas no quintal de casa, se faz o uso de plantas (ervas) no tratamento de alguma doença na família, em quais situações, se procura o *kujá* e benzedor e em qual situação;
- Com os jovens: você tem alguma experiência sobre ervas? Fale um pouco sobre isso, sobre as ervas medicinais que você usa, onde buscá-las.

APÊNDICE 2

Imagens da aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena Xaçecó. Ano 2014.



Aldeia Pinhalzinho.





